

O ROCK MORREU? ¹

Da construção de uma identidade ao fim da Ipanema FM

Tainá RIOS²

Felipe BOFF³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, RS.

RESUMO

Este artigo tem como finalidade tratar de um fato que marca a história das rádios FM no Rio Grande do Sul: a migração da transmissão da Rádio Ipanema do FM para a Web. Além disso, pretende investigar a identidade rock na Ipanema por meio da Análise do Discurso dos ouvintes a partir do anúncio do fim da rádio no FM. Busca, também, verificar as características do gênero e da própria rádio, analisando-as à luz do conceito de identidade estudado em Stuart Hall (2003). A partir desse quadro, foram mapeados no site da Ipanema FM, na rede social Facebook, os comentários do público que apontam para a relevância do veículo e a identificação com o rock.

PALAVRAS-CHAVE: rádio, identidade, rock, Ipanema FM, análise do discurso.

1 INTRODUÇÃO

Foi em 1980 que a Ipanema FM, que pertence ao Grupo Bandeirantes, começou a transmitir em Porto Alegre. Logo no início já era identificada pelos ouvintes como uma rádio que tocava o gênero rock. O tempo foi passando e algumas mudanças foram ocorrendo, inclusive no slogan da rádio. A partir de junho de 2014, a Ipanema FM adotou o título de “a rádio rock de Porto Alegre” e foi muito contestada pelos ouvintes – afirmando que a programação não era definida apenas por músicas desse estilo. Por ser ouvinte da rádio, a autora desta pesquisa se identificou com as manifestações desses ouvintes e percebeu nessa mudança um bom motivo para compreender se a Ipanema FM, de fato, poderia ser identificada como uma “rádio rock”. Foram tantas divergências que a rádio anunciou o seu fim. Em maio de 2015, a Ipanema FM deixou o dial 94,9 e passou às ondas da Web. Diante desse fato marcante, a pesquisadora decidiu registrar a saída da rádio do dial e as manifestações que decorreram dessa mudança.

A pesquisa tem como objetivo investigar a identidade rock na rádio Ipanema FM, além de compreender o que significa a identidade rock a partir da história do gênero no Brasil e no mundo. Busca-se assim, pesquisar a identidade da rádio Ipanema

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduada do Curso de Jornalismo da UNISINOS, email: tainanrios@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNISINOS, email:

ao longo de sua trajetória, de sua criação até o encerramento das transmissões em FM e analisar quais características identitárias são atribuídas ao rock e à Ipanema por seus ouvintes.

Traçados os objetivos, a pesquisa utilizou os seguintes autores de referência: Mauro Borba (2001) para investigar o início da trajetória da Ipanema FM, passando pelas principais mudanças até a migração do dial 94,9 FM para a Web e assim mapear a identidade da rádio e as ligações com o rock; Valéria Brandini (2007), Ricardo Alexandre (2013) e Jeder Janotti Jr. (2003) como protagonistas na pesquisa sobre o gênero rock, seus subgêneros e os principais momentos históricos que influenciaram esse estilo musical; a pesquisa utilizou, ainda, o conceito de identidade de Stuart Hall (2015), que ajudou a compreender a identidade do gênero rock. Como metodologia adotou-se a Análise do Discurso, que foi baseada em Márcia Benetti (2001) e Antonio Barros (2012).

2 IPANEMA FM: DO INÍCIO AO FIM

A Rádio Ipanema FM surgiu em 1981, de forma estratégica, quando o Grupo Bandeirantes percebeu que era uma oportunidade abrir uma estação de rádio FM na região Sul. A localização da Bandeirantes FM, como era chamada na época, era excelente, ficava bem no coração boêmio de Porto Alegre. Os responsáveis decidiram que a nova rádio FM seria “totalmente nova, desvinculada de qualquer estilo já conhecido” (SOBRENOME DO AUTOR 2001, p. 16), já que a programação era diferente das demais existentes na capital gaúcha. O *rock'n'roll* chegou na rádio junto com o locutor Ricardo Barão e o programa Studio 576⁴. O principal objetivo era tocar duas horas de guitarras e vocais pesados nas noites de sábado, mas o cenário musical gaúcho aprovou tanto a situação que Barão começou a reproduzir músicas que tocavam nos barzinhos de Porto Alegre e ajudar bandas a ganharem mais público.

Era uma grande euforia para a época ter uma rádio que tocava músicas alternativas e sons locais, o tal “mercado de rádio” bateu na porta. Os guris do Bom Fim não lucravam como as outras rádios FMs de Porto Alegre. Para Borba (2001, p. 19), um dos fundadores, “conciliar nossos propósitos de fazer uma rádio alternativa e ao mesmo tempo rentável, sem cair na mesmice (...) seria o grande desafio que apenas começava”. Assim, no ano de 1982 o Grupo Bandeirantes comprou mais um dial no FM, o 94,9,

⁴ Studio 576 era uma alusão ao Studio 54 e ao prefixo da rádio, que era ZYD 576.

as antigas estações de rádio AM e FM da TV Difusora. A decisão foi transferir a rádio para o pequeno estúdio da Difusora FM e utilizar o dial 94,9 deixando a estrutura da 99,3 para a Bandeirantes FM, pois segundo os diretores daria resultados mais “satisfatórios”. O segundo passo foi procurar um novo nome. Os locutores sabiam que a Difusora FM não estava muito bem e não podiam continuar com aquela marca. Assim, como a programação era a cara dos guris do Bom Fim, a nova sede precisava de um nome bem original. Entretanto foi um dos presidentes da Rede Bandeirantes que sugeriu o nome de Ipanema. A grande inauguração foi no dia 4 de outubro de 1983.

Nos anos, 80 e 90, o tão esperado reconhecimento chegou. A Ipanema FM começou a dar lucros e entrou para o time das rádios comerciais de Porto Alegre. Mais próxima dessas rádios, a Ipanema conquistou um público fiel e, principalmente, os novos roqueiros de Porto Alegre. O cenário do rock brasileiro estava começando e não conseguia espaço em rádios e TVs. No bairro Bom Fim, a cena para a música local não era diferente: vários grupos de jovens lotavam casas de shows e aumentavam a audiência da Ipanema. Em julho de 2014, a Ipanema adotou o slogan “a rádio rock de Porto Alegre”, visando colocar a rádio como referência para o gênero rock. As principais estratégias para a mudança foram: perfil único, maior aderência do público com a programação musical e aumento da audiência. O reposicionamento excluiu 15 programas da grade de programação, tornando-a basicamente composta por clássicos do rock com hits de 1990 e 2000.

Porém o novo slogan não rendeu bons frutos. No dia 18 de maio de 2015, o Grupo Bandeirantes anunciou a migração da rádio para a plataforma digital, colocando o sinal da Rádio Bandeirantes AM 600 também no FM, utilizando o dial 94,9. A justificativa afirmava que esse movimento consistia em uma boa estratégia para alcançar mais ouvintes. Na noite daquela segunda-feira, mais ou menos às 20h, o anúncio do fim da Ipanema foi publicado na página oficial do Facebook da rádio, convidando os ouvintes a migrarem juntos do FM para a web. Afirmavam também que a programação rock continuaria igual.

A pesquisa escutou a última semana da Ipanema FM no dial 94,9. De segunda a quarta-feira a programação baseou-se na mesma playlist e sem locuções. De quinta-feira em diante a programação ocorreu normalmente, inclusive com boletins, como o de Surf, foram transmitidos aos ouvintes. A Rádio Ipanema saiu do ar na madrugada de domingo para segunda-feira, no dia 18 de maio. A última música a ser executada foi

Watermelon In EasterHay, do músico Frank Zappa. A letra diz que: “*And if this doesn't convince you that MUSIC causes BIG TROUBLE... then maybe I should turn off my plastic megaphone and sing the last song on the album in my regular voice...*”⁵

Exatamente às 00h02, a vinheta da Rádio Bandeirantes entrou no ar e assim seguiu até as 6h59, dando espaço à programação nacional do Grupo Bandeirantes. Na segunda-feira, dia 18 de maio, a Ipanema só podia ser ouvida pelo endereço eletrônico *Ipanema.com.br* ou nos aplicativos para smartphones e *tablets*. Para avisar os ouvintes do novo e único canal onde poderia ser ouvida, a rádio atualizou a foto de capa de sua página no Facebook, gerando vários comentários de desaprovação.

3 A HISTÓRIA DO ROCK

Meados dos anos 50 pode ser considerado o marco inicial do gênero rock, de forma dançante e com um público predominantemente negro. O gênero foi considerado referência para a geração pós-Segunda Guerra, principalmente com o surgimento da geração do baby boom. Segundo Paulo Chacon (1982, p. 14), “o rock foi buscar esse elemento físico, esse movimento libertador do corpo nas tradições negras do *rhythm & blues*, tão fortemente arraigadas nos EUA”. A autora Brandini (2007), explicou que a junção de gêneros do rock’n’roll foi uma consequência da urgência do consumo da cultura jovem, os estilos *rhythm and blues* e country norte-americano juntos representaram a quebra com barreiras étnicas, sociais e políticas. Em solo brasileiro o estilo dançante chegou nos anos 60, dando origem à Jovem Guarda. Os primeiros sucessos foram interpretados pelos irmãos Campello, traduzindo músicas que ficaram conhecidas como “Banho de Lua”.

Em 1960, música norte-americana vivenciava o protesto pela primeira vez e, os EUA viviam a guerra do Vietnã. Alguns autores afirmam que esse momento foi o mais importante para o rock’n’roll, apontando que a junção de *folk*, *blues* e *jazz* dava origem ao rock clássico. Para Brandini (2007, p. 8), “na década de 60, o rock se tornou instrumento de protesto do movimento hippie contra a guerra do Vietnã. Também foi um símbolo da revolução sexual daquela época”.

Segundo Janotti Jr. (2003), em 1970, os ideais libertários e a tecnologia dos grandes festivais chamados de “rock arena” deram origem a dois subgêneros do rock: o rock progressivo, com modernas técnicas de gravações e músicos descendentes de

⁵ “E se você não acredita que música faz grandes estragos... talvez seja melhor eu desligar meu microfone de plástico e cantar a última canção do álbum na minha voz normal”. Tradução nossa.

conservatórios musicais e o heavy metal, uma mistura entre traços psicológicos e guitarras distorcidas. Na Inglaterra, além da nova postura dos Beatles, um pouco mais madura, surgiram os Sex Pistols. Nos EUA, os jovens Ramones faziam a cabeça da garotada. No Brasil, o som que predominava era a Tropicália, liderada por Caetano Veloso e Gilberto Gil, que adotaram o elemento rock, a guitarra elétrica, para defender a contracultura.

Depois do rock mais maduro dos anos 60, a música de protesto perdeu força e o período entre 1992 e 1994 criou um rock mais adolescente. Com o lema “*I don't care*” (Eu não me importo), surgia o grunge. No Brasil, as bandas de destaque foram a junção do rock com reggae do Skank e o hardcore das letras debochadas dos Raimundos. Nos EUA, Nirvana, Soundgarden e Pearl Jam, originárias da cidade de Seattle, ganhavam espaço na casa dos antigos fãs do rock anterior ao grunge. A celebração musical e os modos de valorização alternativa promoveram pontes entre o universo rock e pop com traços segmentados do reggae. Era um apanhado de desilusões sociais e uma vontade de voltar a tocar o rock de garagem. No início da década de 90, as bandas brasileiras mais conhecidas como: Legião Urbana, Titãs, Barão Vermelho e Paralamas do Sucesso afundaram na pretensão ou na autoindulgência. Começaram a fazer propagandas de campanhas de vacinas, a falar de problemas sociais de outros países e voar para outros mercados musicais. Os principais pilares brasileiros começavam a desmoronar e outros estilos habitavam o solo brasileiro.

O surgimento do rock'n'roll no Rio Grande do Sul está ligado ao período de mudança do regime militar, em 1964, para as Diretas Já, em 1984, com a reabertura da democracia e a eleição de Tancredo Neves, em 1985. Os músicos sulistas não tinham dificuldades para representar o rock. Apesar de viver longe das “capitais” (Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília) e não obter informações para melhores tecnologias, eles conseguiram manter o padrão de sonoridade e composições.

Nos diferentes estados brasileiros se faz rock em que se apresentam tanto características comuns ao estilo quanto outras que são peculiares de cada região. O rock gaúcho carrega o sotaque e as expressões típicas da cultura do Rio Grande do Sul e cita lugares como a capital, Porto Alegre, e locais do litoral, como Pinhal e Cassino. (KESKE e LEHNEN, 2012. p. 504)

Historicamente, Keske e Lehnen (2012. p. 505) afirmam que “o rock gaúcho contribuiu para a história da música e da cultura local e segue ganhando cada vez mais importância no cenário regional”. A expressão “rock gaúcho” nunca foi bem vista aos

olhos de paulistas e cariocas, para eles não passava de bairrismo. Para alguns músicos, a explicação está na utilização de instrumentos regionais, como a gaita, junto às guitarras elétricas.

4 IDENTIDADE ROCK

Para Hall (2006, p.12), “a identidade costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto o uso quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. Dentro dessa lógica, há dois pontos importantes: o sujeito está tornando-se fragmentado devido às várias identidades que estão presentes na sociedade pós-moderna, pois a cada esquina é possível ter contato com diversas culturas. O segundo ponto são as sociedades tardias, que, caracterizadas pela diferença, conseguem produzir variadas posições do sujeito – para Hall (2006, p. 17), diferentes identidades. Concluímos que a identidade é modificada na relação com o ambiente em que o indivíduo se encontra, com a cultura e as relações sociais.

Para entendermos melhor a identidade de cada indivíduo é necessário compreender as identidades nacionais que contribuem na criação de padrões de alfabetização, na generalização de uma única língua – dominante ou homogênea. Não são coisas que nascem conosco, mas formadas e transformadas no interior da representatividade. Hall (2006) caracteriza as identidades nacionais com formas particularistas de vínculo ou de pertencimento, pois representam lugares, eventos, símbolos e histórias particulares de povos e nações. A música é um símbolo que pode caracterizar algumas identidades nacionais, como, por exemplo, o samba. As características do malandro e da sensualidade das mulatas são identidades adotadas para os nativos da cidade. Já o rock and roll enquadra-se nas identidades híbridas, pois com a globalização pode ser modificado conforme a cultura nacional que se encontra.

Outro destaque de Hall (2006, p. 11) sobre as identidades nacionais são as representações transformadas em seus interiores. Atribuindo essa ideia, só conhecemos o que é rock porque ele foi apresentado daquela forma: com guitarras elétricas, som dançante, *dress code* com predominância da cor preta e desejos de liberdade. Segundo Carvalho (2011, p.15) a cultura nacional é formada pela criação de padrões linguísticos, símbolos e representações. Dentro do universo roqueiro identificamos a predominância do inglês para as bandas de heavy metal, a caveira como um símbolo comum a todos os gêneros e subgêneros. Um bom exemplo do uso dos atributos da identidade nacional é o

rock gaúcho, que só tem sentido para os músicos do Rio Grande do Sul. Para representar o rock do sul são utilizados instrumentos ou símbolos tradicionais das canções gaúchas.

A energia e as expressões são valores herdados dos desejos, das frustrações e dos medos presentes na adolescência. Segundo os estudos de Stuart Hall, essas são características da identidade nacional, valores e sentimentos herdados de antepassados. Outro fator que determina a temática e define as estratégias de valores, gostos e afetos são os agrupamentos. Como observado, os gêneros musicais que reivindicaram liberdade criativa, energia e autonomia foram: punk, heavy metal, gothic e hip hop. O cruzamento entre o rock e a musicalidade local de diversas culturas geraram subgêneros para o rock, os exemplos dessas uniões são: o ska e o reggae e o punk e o hardcore com forró. Identidades nacionais, quando agrupadas com o gênero rock, conseguem dar novas características para o estilo já conhecido dos roqueiros.

Apesar de viver no centro das metrópoles, as bandas nasciam nas garagens de casas familiares e submersos da grande sociedade. Outro fator importante para essa classificação é a identificação dos músicos como marginais, já que em muitos momentos as canções eram resistentes aos pensamentos do governo.

Em sua tese sobre as canções do rock brasileiro de 1980, Zanutto (2010) levanta a hipótese de que os enunciados analisados a partir das canções podem construir uma identidade do sujeito. Encontra-se um lugar de fala caracterizado de “entre-lugar”, onde habitam o herói ordinário e o anti-herói, “resultando disso uma identidade ambivalente, cuja constituição se dá no entremeio da ordem e da desordem” (ZANUTTO, 2010. p. 148). Nas letras analisadas, Zanutto percebeu uma mudança de contexto que modificou a posição do jovem roqueiro dos anos 1980 e também do herói. Para Zanutto, os novos adeptos do rock’n’roll viraram saudosistas da Contracultura, destacando a importância dessa para o discurso roqueiro.

5 METODOLOGIA

Nesta análise vamos observar a interação entre os ouvintes, os comunicadores e o Grupo Bandeirantes. Para mapear as características identitárias do rock e da rádio Ipanema FM, usaremos como metodologia a Análise de Discurso e tendo como referência as observações de Benetti (2007). Para aplicar a metodologia é necessário recortar do material frases que identifiquem as Formações Discursivas (FDs). Benetti

(2007, p. 112) afirma que as FDs são “uma espécie de região de sentidos, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido”. Um texto pode ter mais de uma FD, que podem ser numeradas (FD1, FD2, FD 3 e etc) e nomeadas. Para facilitar a identificação dos destaques, os recortes podem ser sequenciados, chamamos esse processo de Sequência Discursiva (SD), e numerados para ajudar na organização da pesquisa.

Nesse trabalho, os sentidos serão verificados a partir das seguintes Formações Discursivas: FD1: Gênero Rock – identificação do gênero musical; FD2: Luto, Morte e Perda – expressão de luto com o fim da Ipanema FM; FD3: Autenticidade, Singularidade e Caráter alternativo – identidades da Rádio Ipanema segundo os ouvintes; FD4: Regionalidade e Representatividade – representação do rock gaúcho.

6 A ANÁLISE

O corpus deste trabalho é composto por comentários de ouvintes no site de rede social Facebook sobre o anúncio do fim da Ipanema FM. Ao todo foram 1.904 postagens, durante o período de 11 de maio de 2015 a 18 de maio de 2015. Os comentários analisados foram retirados das páginas dos perfis oficiais no Facebook da rádio, dos Locutores Cagê Lisboa e Hans Ancina. Os textos foram retirados do site de rede social Facebook e seguem fielmente a linguagem utilizada pelos autores, os ouvintes da Ipanema FM. O principal objetivo desta análise é encontrar características relacionadas ao que estudamos neste trabalho e entendemos como identidade rock.

6.1 FD1: Gênero Rock - identificação do gênero musical

TEXTO:

Ipanema FM Oficial: “A partir de segunda-feira, dia 18, a Rádio Ipanema muda o seu conceito como emissora de rádio. Seguindo as tendências internacionais de comunicação e entretenimento, ela encerra sua veiculação em rádio mas vai continuar transmitindo a mesma programação especializada em rock nas plataformas digitais, (SD1) virando a primeira estação musical online do grupo Band RS.”

Ouvinte 1: "E qual a opção vamos ter p ouvir rock e afins?" (SD2)

Para compor a FD1, que tenta identificar algumas peculiaridades do rock na Ipanema FM, também analisamos o anúncio feito na página Oficial da Ipanema FM no

site de rede social Facebook. Por meio dele é anunciada a continuação da transmissão da programação já conhecida pelos ouvintes via internet e aplicativos para Android e Iphone (SD1). Em resposta, o Ouvinte 1 questiona onde poderá encontrar o “rock e afins” (SD2), e conseguimos identificar o reconhecimento aceitável de outros gêneros musicais, deixando claro que a Ipanema FM dava espaço para outros estilos além do rock.

Alexandre (2013) relembra que em 1996 esperava o momento em que chegasse a suas mãos uma demo-tape com misturas de “hard rock ou skate-punk ou psicodélica ou hardcore com samba ou reggae ou bumba-meu-boi” (ALEXANDRE, 2013, p. 66). E isso aconteceu a partir dos 1990, principalmente com a banda Raimundos e os Mamonas Assassinas. Segundo o mesmo autor, o rock brasileiro do início dos anos 90 perdeu força para o sertanejo, para o forró e para o axé e só conseguiu sobreviver cantando músicas que agradassem a todos os brasileiros, ou seja, misturando todos os ritmos.

6.2 FD2: Nostalgia e Caráter Histórico - identificação de saudosismo nas histórias da Ipanema FM

TEXTO:

Hans Ancina: “É verdade gente! A Ipanema vai encerrar as atividades nos 94.9 FM de Porto Alegre. (SD3) E assim como a grande maioria da nossa equipe, que trabalhava bastante, mas feliz com o crescimento ABSURDO da audiência nos últimos meses, eu também fui demitido.”

Ouvinte 2: “Bah, Hans, eu fiquei triste de verdade. Parecia que um ente havia falecido. Eu, que cresci ouvindo a Ipanema e acompanhei os altos e baixos como ouvinte assídua. A Ipanema me propiciou momentos inesquecível, shows e brindes inesquecíveis. (SD4) Só tenho a agradecer a toda essa equipe foda e que o rumo de vocês sejam tão foda! Avante!”

A segunda Formação Discursiva corresponde à Nostalgia e ao Caráter Histórico. Para esse grupo, começamos a análise pelo comentário do comunicador Hans Ancina, que confirmou o encerramento das atividades da Ipanema FM no dial 94.9 de Porto Alegre (SD3). Lamentando a ausência, o Ouvinte 2 afirmou a tristeza ao saber da notícia e ainda disse ter sentido um certo parentesco com a rádio, pois relacionou essa

falta com o falecimento de um parente próximo (SD4). Para Zanutto (2010), umas das características do roqueiro é o saudosismo. O autor diz que o roqueiro formado nos anos 1980 tinha saudades da contracultura e por isso idealizava e se referenciava naquela época. Para este trabalho, a saudade da Ipanema FM observada no comentário refere-se à importância que a rádio tinha no cotidiano dos ouvintes. “Os primeiros shows em Porto Alegre de Legião, Ultraje a rigor e Paralamas, por exemplo, foram feitos com mídia exclusiva na Ipanema.” (BORBA, 2001, p. 24). A SD4 também representa a FD3, que explica a característica Luto, conforme veremos adiante.

6.3 FD3: Luto, Morte e Perda - expressões de luto com o fim da Ipanema FM

TEXTO:

Ipanema FM Oficial: (imagem) Ipanema. [A rádio rock de Porto Alegre. Ipanema.com.br](http://A_rádio_rock_de_Porto_Alegre.Ipanema.com.br) (SD5)

Ouvinte 3: “Segunda-feira ela fez uma falta tremenda... E puxa, assim como as lendas do rock, morreu jovem, não foi aos 29, mas foi quase.” (SD6)

Ouvinte 4: “Mataram a Ipanema e a Band morreu na minha casa, no meu carro e na minha vida. Perdi minha rádio, e a Band perdeu no mínimo 5 ouvintes/telespectadores.(SD7) Simples assim. Por opção, não farei o acesso online.”

O terceiro grupo de Formação Discursiva é formado pelas características de luto, morte e perda. Após o anúncio da migração da Ipanema da FM para a Web, a página oficial da rádio no site de rede social Facebook alterou a imagem da capa colocando o endereço do site como principal informação (SD5). Assim, o anúncio informava que a rádio rock de Porto Alegre continuava na ativa, porém não mais no rádio. No comentário do Ouvinte 3, percebemos que o fim da Ipanema FM é comparado à lenda das mortes prematuras dos astros de rock que faleceram, na maioria, com 27 anos (SD6). A revolta aparece no mesmo comentário, acusando a Band RS de ser a principal motivadora do fim da Ipanema no FM, e como consequência desse ato, perderia uma parte da audiência (SD7).

6.4 FD4: Autenticidade, Singularidade e Caráter alternativo - identidades da Rádio Ipanema segundo os ouvintes

TEXTO:

Ipanema FM Oficial: “A partir de segunda-feira, dia 18, a Rádio Ipanema muda o seu conceito como emissora de rádio. Seguindo as tendências internacionais de comunicação e entretenimento, ela encerra sua veiculação em rádio mas vai continuar transmitindo a mesma programação especializada em rock nas plataformas digitais, (SD8) virando a primeira estação musical online do grupo Band RS.”

Ouvinte 5: “Não curti. Era uma rádio para pessoas com personalidade. Que não se rendiam a modismos, cultuavam o velho rock and roll e tantos outros estilos musicais. Por isto a chamaram de rádio alternativa. (SD9) Tomar a Ipanema FM Oficial em digital, é a mesma coisa que modernizar um museu Sem noção.”

A característica que compõem a FD4 é o caráter alternativo. Diante da divulgação da migração do sinal da rádio do dial 94,9 para a web pela página oficial da Ipanema FM no site de rede social Facebook (SD8), os ouvintes reclamaram da decisão. A Ipanema foi conhecida em boa parte de sua trajetória por ter um caráter alternativo e esse foi o comentário do Ouvinte 5, afirmando que a rádio conseguia tocar outros estilos musicais além do rock’n’roll (SD9). Para Ricardo Alexandre (2003), o estilo alternativo vai contra o conceito dos grupos dos anos 80, que não consideravam a mistura de estilos e o relacionamento de tribos diferentes algo bom para o movimento roqueiro. Já os alternativos têm como principal interesse o bom convívio e aceitam a influencia de outros gêneros. “A crença era a de que agora havia uma ‘nação alternativa’ (nome, aliás, de um programa da MTV americana que também virou festival) que desprezava o conceito de ‘tribos’ dos anos 80 e se relacionava com igual interesse com o rock de guitarras, o heavy metal, a psicodélica, a eletrônica, o folclórico, com o passado, o presente e o futuro” (ALEXANDRE, 2013, p. 37).

6.5 FD5: Rebeldia, Revolta e Crítica Social - manifestação contra o sistema atual das rádios e o Grupo Bandeirantes

TEXTO:

Ipanema FM Oficial: “A partir de segunda-feira, dia 18, a Rádio Ipanema muda o seu conceito como emissora de rádio. Seguindo as tendências internacionais de comunicação e entretenimento, ela encerra sua veiculação em rádio mas vai continuar transmitindo a

mesma programação especializada em rock nas plataformas digitais, (SD10) virando a primeira estação musical online do grupo Band RS.”

Ouvinte 6: "Estou decepcionada com essa atitude elitista e seletiva, (SD11) o Rock Gaúcho é só pros ricos??? Agora só terá acesso quem tiver grana pra pagar 3G ou banda larga??? O que é isso??? Eu já comecei minha campanha contra a Band. OU POR ACASO (SD13) QUEREM SUFOCAR O ROCK GAÚCHO??? (SD12) ESTOU DECEPCIONADA...”

A raiva e a revolta se destacam nas manifestações do Ouvinte 6 e enquadra-se na FD 5. O discurso analisado é em resposta a decisão de migrar a Ipanema do rádio para a internet e plataformas digitais (SD10). A crítica contra o sistema da Rádio Bandeirantes AM e a nova forma como a rádio poderá ser ouvida pelo público – através de smartphones - é encontrada no comentário do Ouvinte 6, que a chama de “elitista e seletiva” (SD11). Notamos a crítica social realizada pelo ouvinte ao sistema de rádio adotada pela Band RS, que restringe o acesso a alguns ouvintes, já que a programação utilizada foca na veiculação de *hard news* e transmissão de jogos de futebol, princípios bem diferentes da antiga ocupante do dial 94,9 FM, além de limitar o acesso do público à Ipanema FM, pois com o novo formato somente os ouvintes com acesso à internet poderão ouvir a programação da rádio.

A ausência é demonstrada pelo mesmo ouvinte quando, revoltado, questiona o Grupo Bandeirantes se o Rock Gaúcho será sufocado pela mudança de rádio (SD12), já que a Ipanema FM dava espaço para as bandas gaúchas apresentarem músicas novas e entrevistava os antigos ídolos roqueiros de Porto Alegre. A rebeldia aparece na sequência em que o Ouvinte 6 afirma ter começado uma campanha contra a Band RS (SD13), pois, já que não poderá ouvir a programação rock da Ipanema, não ouvirá também as transmissões de esporte da nova ocupante dos 94,9FM. A característica de rebeldia e revolta do rock surgiu nos anos 70 com o movimento punk rock e tinha como princípio ir contra a paz e o amor dos hippies. “Diante da vida adulta, o jovem artista despedia-se do sonho romântico-rebelde do rock’n’roll” (BRANDINI, 2007, p. 42).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha como objetivo principal investigar a identidade rock na rádio Ipanema FM através das postagens dos ouvintes, discurso que foi construído após o anúncio da migração do dial 94,9 para a Web. Durante a pesquisa, compreendeu-se a

identidade rock a partir de seus principais acontecimentos . Diante das referências analisadas foi observado que a identidade rock é composta por muitas características e, devido a isso, não há uma única definição formada. A pesquisadora conseguiu identificar, ainda, que as características de cada subgênero ou gênero relacionado são muito relevantes à identificação do rock, mas para este trabalho as atitudes do rock foram mais importantes que o estilo musical.

Para identificar o rock na rádio Ipanema FM, principal objetivo desta pesquisa, foram traçados caminhos para identificar as características do gênero rock e, então, analisá-las na Ipanema FM. Outro fator importante para essa identificação foi pesquisar na história da Ipanema FM características específicas da rádio. Foi possível mapear, também, algumas características semelhantes às identificadas no gênero rock e na Ipanema FM. As mais evidentes são a rebeldia e a autenticidade.

Depois de efetuada a Análise de Discurso, percebe-se que o rock é identificado pelos ouvintes como gênero musical predominante na programação da rádio, deixando claro que para o público a rádio era uma “rádio rock”. A partir das referências bibliográficas, percebeu-se uma rádio com estilo próprio, onde os comunicadores tinham liberdade para escolher as músicas e debater assuntos diversos com os ouvintes. A Ipanema FM adotou, por muitos anos, uma identidade alternativa por agregar vários estilos musicais na programação. Para os ouvintes, a Ipanema FM era a única rádio que conseguia se diferenciar musicalmente das demais, caracterizando-a também como singular.

Outra característica observada foi a autenticidade. Durante a pesquisa percebeu-se que a rádio teve importância para os ouvintes, porque foi apontada por eles como um dos principais pilares para a construção da cultura rock em Porto Alegre. Segundo os comentários analisados do público ouvinte existem identificação da rádio com o rock gaúcho. A Ipanema FM ajudou na construção da identidade do rock gaúcho, ao ponto de alguns ouvintes afirmarem que a rádio era a única que transmitia e divulgava músicas, shows e entrevistas das bandas gaúchas. Diante desses apontamentos foi possível concluir que o rock gaúcho existia na Ipanema FM.

Dentre todas as características analisadas, a rebeldia foi identificada nas atitudes do rock – nos principais acontecimentos históricos – e nas atitudes da Ipanema FM. A rebeldia é encontrada na programação da rádio que não seguia a tendência do sistema de rádio, a repetição de canções. A rebeldia no rock é percebida nas letras das músicas e

nas vestimentas dos adeptos ao movimento – quando analisado como gênero musical –, e nas atitudes, se manifestam no repúdio às regras, no discurso anti-governista e na postura marginal. A partir desses apontamentos conclui-se, também, que a Ipanema FM foi na maior parte dos seus 30 anos no dial 94,9 uma rádio rock.

Durante a Análise do Discurso, a nostalgia reafirmou a importância da Ipanema FM para os ouvintes. A partir dessas manifestações, a pesquisa conclui que foi criado um vínculo entre a rádio e o público e, por isso, o sentimento de luto foi preponderante nos comentários examinados. No imaginário dos ouvintes a Ipanema estava morrendo com o fim das transmissões em FM e a tristeza desse anúncio é fortemente visível. A análise dos comentários efetuada nessa pesquisa verificou a comparação do fim da Ipanema FM com a morte de ídolos do rock. Para o público, a Ipanema morreu precocemente, deixando uma legião de fãs desamparados. Junto com o sentimento de luto vem a sensação de perda. Assim retomamos o título deste trabalho: o rock morreu? O anúncio do encerramento das atividades da Ipanema no FM poderá, em última instância, contribuir para uma diminuição do rock gaúcho no FM, pois a rádio ajudava na divulgação das ações desse gênero criado no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Ricardo. **Ceguei bem a tempo de ver o palco desabar**. 50 casos e memórias do rock brasileiro (1993-2008). Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- AVILA, Alisson, BASTOS, Cristiano e MÜLLER, Eduardo. **Gauleses Irredutíveis**. Casos e atitudes do rock gaúcho. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- BENETTI, Marcia e LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007 – (Coleção Fazer Jornalismo). Pgs. 107 a 122.
- BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes**. Histórias do rádio e do Pop Rock. 1º edição. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- BRANDINI, Valéria. **Cenários do Rock**. 1º edição. São Paulo: Olho d'Água, 2007.
- CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério de. **A identidade do movimento Hip-Hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de Rap**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2011.
- CHACON, Paulo. **O que é rock**. 2º edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio – organizadores -. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2e.d. São Paulo: Atlas, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 11. Ed.

JANOTTI JR. Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and Roll**: mídia, gênero musical e identidade. 1º edição. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

KESK, Humberto e LEHNEN, Lidiani Cristina. **Na trilha sonora dos pampas**: a batida pesada do rock n' roll a la gaúcho. Revista Eletrônica Polêm!ca, v. 11, n. 3 , julho/setembro 2012. p. 503 – 523.

MUGNAINI, Ayrton. **Breve história do Rock**. 1º edição. São Paulo: Claridade, 2007.

NOGUEIRA, Isabel Porto e MEDEIROS, Daniel Ribeiro. **Reflexões sobre memória, identidade e rock**: relações entre os sons e o sentido de si. II Encontro Internacional sobre Imaginários Sonoros, 4 a 7 de novembro, 2013, Curitiba.

SILVA, Jaime Luis da. **O heavy metal na revista Rock Brigade**: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil. Dissertação (Comunicação e Informação) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ZANUTTO, Flávia. **Discurso, resistência e identidade**: o rock brasileiro dos anos 1980. Tese de doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, 2010. Araraquara, 2010.